

ESTUDO TRANSVERSAL SOBRE A INTERSECCIONALIDADE E A TRANSEXUALIDADE: O GÊNERO, COR E CLASSE NO PROCESSO DISCRIMINATÓRIO

Dandara Costa Alcântara¹, Ricardo de Mattos Russo Rafael², Nayara de Paula Silva³, Ester Silva dos Santos de Mattos⁴,
Rafaelly de Souza Rocha⁵

¹Docente do Curso de Enfermagem e Medicina do Centro Universitário Serra dos Órgãos. E-mail: enfandaracosta@gmail.com; ²Vice Diretor do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: prof.ricardomattos@gmail.com; ³Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Serra dos Órgãos. E-mail: nayydepaula@gmail.com; ⁴Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Serra dos Órgãos. E-mail: esterssmattos@gmail.com; ⁵Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Serra dos Órgãos. E-mail: rafaellysrc@gmail.com

Introdução: A discriminação ainda permeia as relações sociais, onde o próprio aparelho do Estado muitas vezes exerce o biopoder sobre as minorias validando e violando direitos. Sendo esta estruturada, especialmente, mas não exclusivamente, nas dimensões de gênero, raça/cor e classe, onde as mulheres transexuais passam a ser pré-julgadas e violadas de modo sobreposto e interseccional, criando, múltiplos níveis de injustiça social. Antes, estudos para estabelecer o estado de saúde eram baseados em indicadores de mortalidade, porém uma vida longa não significa necessariamente uma vida saudável, assim a autoavaliação da saúde (AAS) ganha destaque pois fatores individuais podem influenciar a classificação da saúde dos indivíduos. **Objetivo:** Analisar os efeitos da intersecção das discriminações (por cor/etnia, classe e gênero) sobre a autoavaliação de saúde e estimar a prevalência e a tipificação das discriminações vividas por travestis e mulheres transexuais do Rio de Janeiro. **Material e Método:** Estudo transversal da análise de um estudo observacional intitulado “EVAS”. Os dados foram coletados por meio de entrevistas face a face com 139 mulheres que se identificaram como travestis, transgênero ou transexual em um formulário estruturado e multidimensional com respostas em múltiplas opções, durante julho de 2019 a agosto de 2020. Foram realizados os testes de hipótese Qui-quadrado e modelo de regressão logística. **Resultados e discussão:** Há prevalência da AAS positiva (73,19%), onde 26,81% a consideraram ruim ou regular. A prevalência de se sentir saudável foi de 84,89% (IC95% = 1.47-10.06; p: 0.006) onde aproximadamente 52% das entrevistadas alegaram ter melhor saúde ao compará-la com a de outras pessoas da mesma idade (IC95% = 3.08 – 48.20; p<0,05), apenas 8,76% afirmaram ter pior saúde se comparada. **Conclusão:** A prevalência global de AAS boa, muito boa e excelente foi prevalente, estando muito próxima à da população geral brasileira, onde observamos que este achado se estende a populações transexuais também de outros territórios e países. Se mostra necessário inclusão da diversidade de gênero em censos assim como a necessidade de mais pesquisas de cunho epidemiológico acerca desta população. **Contribuições para Enfermagem:** A discriminação é um problema de saúde pública, desta forma, acender um debate sobre a discriminação cruzada contribuirá para suprir a grande lacuna que se tem referentes às pesquisas direcionadas à esta população, além de auxiliar a proporcionar a aplicabilidade de intervenções que auxiliem no melhor enfrentamento das violências sofridas e das consequências desta na práxis do enfermeiro.

Descritores: Interseccionalidade; Pessoas Transgênero; Violência; Discriminação Social.